



MULHERES NO ESPORTE: O COMEÇO DO PORTAL ESPNW NO BRASIL

Fernando Godinho Lima*
Joanalira Corpes Magalhães**

RESUMO

O artigo analisa o começo do portal ESPNW, no Brasil, discutindo as questões relacionadas às mulheres no esporte. Fundamentamos este estudo a partir do campo teórico dos estudos culturais e de gênero, nas suas vertentes pós-estruturalistas. O material empírico compreende o portal ESPNW e o seu vídeo de divulgação *Invisible Players*. Para as análises, utilizamos as noções de modos de endereçamento. Entendemos que o portal ESPNW emerge de algumas questões de gênero, presentes historicamente nos esportes, e da falta de espaço de discussão para estas temáticas. O vídeo apresenta uma série de estratégias para demonstrar a falta de reconhecimento e a visibilidade das mulheres no esporte, além de estabelecer um modo de endereçamento para pessoas ligadas a este assunto. Neste artigo, percebemos que o portal ESPNW provoca certas rupturas em relação ao espaço que a mulher ocupa no esporte.

Palavras-chaves: ESPNW. Mulheres. Esportes.

WOMEN IN SPORT: THE BEGINNING OF THE ESPNW PORTAL IN BRAZIL

ABSTRACT

The article analyzes the beginning of the ESPNW portal in Brazil, discussing issues related to women in sports. We base this study from the theoretical field of cultural and gender studies, in its poststructuralist aspects. The empirical material includes the ESPNW portal and its “Invisible Players” disclosure video. For the analysis we use the notions of addressing modes. We understand that the ESPNW portal emerges from some issues of gender historically present in sports and the lack of discussion space for these issues. The video *Invisible Players* presents a series of strategies to demonstrate the lack of recognition and visibility of women in sports and establish a way of addressing people related to this subject. In this article we notice that the ESPNW portal causes certain ruptures in relation to the space that women occupy in sports.

Keywords: ESPNW. Women. Sports

MUJERES EN EL DEPORTE: EL COMIENZO DEL PORTAL ESPNW EN BRASIL

RESUMEN

El artículo analiza el comienzo del portal ESPNW en Brasil, discutiendo las cuestiones relacionadas con las mujeres en el deporte. Fundamentamos este estudio a partir del campo teórico de los estudios culturales y de género, en sus vertientes post-estructuralistas. El material empírico

* Doutor em Educação em Ciências da FURG

** Doutora em Educação em Ciências. Professora Adjunta do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências: Química da vida e da saúde da FURG

comprende el portal ESPNW y su video de divulgación "Invisible Players". Para los análisis utilizamos las nociones de modos de direccionamiento. Entendemos que el portal ESPNW emerge de algunas cuestiones de género presentes históricamente en los deportes y de la falta de espacio de discusión para estas temáticas. El video Invisible Players presenta una serie de estrategias para demostrar la falta de reconocimiento y visibilidad de las mujeres en el deporte y establece un modo de direccionamiento para personas ligadas a este asunto. En este artículo percibimos que el portal ESPNW provoca ciertas rupturas en relación al espacio que la mujer ocupa en el deporte.

Palabras claves: ESPNW. Mujeres. Deportes

1. INTRODUÇÃO

Em 2017, nos dias 13 e 19 de julho, duas entrevistas chamaram a atenção pela falta de visibilidade e reconhecimento das mulheres no contexto esportivo. A primeira delas foi concedida pelo tenista Andy Murray, durante o torneio de Wimbledon, quando, na coletiva de imprensa, o jogador foi questionado sobre a participação de um tenista norte-americano, nas finais do campeonato, depois de certo tempo, sem nenhum representante daquele país. Então, Murray interrompeu a fala do jornalista e lembrou que era um período de tempo sem tenistas homens nas finais, pois mulheres norte-americanas constantemente alcançam grandes resultados no torneio. A segunda entrevista foi feita por uma jornalista esportiva com o, naquele momento, treinador de futebol do Sport Club Internacional, Guto Ferreira. Na referida entrevista, após uma pergunta relacionada à partida realizada minutos antes, o treinador se negou a responder, em virtude da jornalista ser mulher e, provavelmente, não conhecer o funcionamento do esporte.

Sobre o esporte, Goellner (2003), também, destaca-o como generificado, um espaço em que batalhas foram travadas, ao longo dos anos, para a inserção e a manutenção das mulheres. A mesma autora ainda lembra que as vitórias feministas, no esporte, ainda estão aquém dos espaços que elas ocupam em relação aos homens. Na esfera competitiva, os menores salários, a visibilidade, as premiações e os patrocínios demonstram isto. (ADELMAN, 2006).

A ausência das mulheres nos espaços esportivos ou a fraca visibilidade feminina é diretamente relacionada à grande visibilidade dos homens atletas. As mulheres carregam narrativas históricas da representação hegemonicamente masculina do esporte, por vezes invisíveis e, em outras, diminuídas. A presença das mulheres sucumbiu, historicamente, à construção dos esportes culturalmente destinados a corpos masculinos. (GOELLNER, 2004).

Sobre a imagem da mulher no esporte, constituiu-se uma exploração dos seus contornos corporais, com intuito de torná-los sensuais. (FISCHER, 2001).

Estes dois episódios sexistas, citados anteriormente, nos fizeram pensar sobre o quanto ainda temos que debater acerca da questão do reconhecimento e das formas de visibilidade das mulheres no esporte. E, a partir disto, nos instigou olhar para o portal ESPNW, pois entendemos o mesmo como um artefato cultural que interpela os sujeitos, com intenção de produzir discursos sobre o espaço das mulheres nos esportes.

O portal ESPNW é um segmento da ESPN¹ (Entertainment and Sports Programming Network) e foi lançado em alusão aos assuntos de interesse das mulheres. O portal se autodeclara “espaço de discussão das mulheres no esporte” e promete “um olhar diferenciado para as questões ligadas ao espaço e aos direitos das mulheres” (ESPNW, 2019). A utilização da letra “W” é referente à sua origem norte-americana (*woman*). Sua criação é datada no ano 2009, nos Estados Unidos, mas só chegou ao Brasil em 2016, com a campanha *Invisible Players*, que tinha o vídeo de divulgação nas propagandas da ESPN (ESPNW, 2019).

Com este artigo, analisamos o começo do portal ESPNW Brasil, discutindo as questões de gênero, a partir dos modos de endereçamento do portal e do seu vídeo de divulgação.

2. DECISÕES METODOLÓGICAS

Sobre o material empírico, neste artigo, analisamos o portal ESPNW Brasil e o vídeo de divulgação do mesmo, intitulado “*Invisible Players*”². Os artefatos culturais que serão analisados constituem-se como espaços que nos educam, sendo permeados de pedagogias culturais (BARBERO, 2014).

Neste sentido, Wortmann (2008) notabiliza a importância dos Estudos Culturais, os quais nos possibilitam perceber e analisar as mídias como espaços que ultrapassam a mera disseminação de informação e lazer, mas como atuantes na fabricação e/ou produção discursiva das informações. Douglas Kellner (2001) corrobora, destacando a noção de que não somos sujeitos passivos frente às mídias. Este autor relativiza o papel da mídia e do público, descaracterizando o público como mero assimilador de mensagens difundidas pela mídia.

1 Canal de televisão por assinatura que é referência internacional nos esportes.

2 <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Para o *modus operandi* desta pesquisa, estipulamos e utilizamos noções do modo de endereçamento como ferramenta analítica. Elizabeth Ellsworth (2001) explica que o modo de endereçamento está na “diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito” (ELLSWORTH, 2001, p. 47).

Segundo Ellsworth (2001), existe uma ligação sólida entre os artefatos culturais e seus/suas espectadores/as, ou seja, um caminho entre a produção audiovisual e sua audiência imaginada/audiência real. Fazendo uma analogia das publicações do portal ESPNW Brasil e do vídeo de divulgação com os filmes, destacamos um trecho do livro de Ellsworth, em que a autora explica que o modo de endereçamento:

tem a ver com o desejo de controlar, tanto quanto possível, como e a partir de onde o espectador ou a espectadora lê o filme. Tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si próprio e vende os produtos relacionados com o filme (2001, p. 24).

Conforme Itania Gomes (2004), esta relação produto e espectador/a é social e historicamente construída. Assim, a partir do portal ESPNW Brasil e do seu vídeo de divulgação (*Invisible Players*), buscamos caracterizar o modo de endereçamento destes artefatos culturais, articulando a sua intencionalidade com o público alvo, as pessoas que se interessam pelos assuntos referentes às mulheres no esporte.

2. ANÁLISE E DISCUSSÃO

2.1 Caracterização do Portal ESPNW Brasil

Negar discursos machistas e hegemonicamente encontrados no meio esportivo foi o intuito inicial do portal ESPNW Brasil. Assim, quebrar paradigmas e inserir o discurso feminista no esporte vem para “desmistificar a ideia que o esporte é reduto preferencialmente masculino”³. No Brasil, as notícias, reportagens, postagens ou assuntos deste segmento podem ser encontrados em quatro áreas de atuação: notícia, *lifestyle*, especiais e blogs e são encontradas em uma aba específica, no próprio site da ESPN, no Facebook e no Twitter. Cada um desses artefatos tem um caráter específico. As páginas do Facebook e do Twitter apresentam uma tendência de maior participação e opinião

3 Tiramos esta afirmação do próprio site da ESPN: www.espnw.espn.uol.com.br/. Acessado em 21 de novembro de 2016.

daquelas pessoas que o acessam. No site existe uma gama de postagens diárias e uma constante atualização e o programa traz para discussão pessoas ligadas mais diretamente ao esporte. Estes espaços seriam das vozes privilegiadas⁴.

As plataformas de veiculação da ESPNW Brasil são produzidas, exclusivamente, por mulheres. São ex-atletas como Magic Paula (basquete), Ana Moser (vôlei), Flavia Delaroli (natação), Juliana Cabral, (futebol), Danielle Zangrando (judô). Além delas, também fazem parte dos profissionais da emissora ESPN, a apresentadora Juliana Veiga e a repórter Gabriela Moreira. Este espaço de discussão faz-se necessário, visto que as mulheres alcançaram um espaço historicamente demarcado como masculino. Conforme lembram Elias e Dunning (1992), a concepção inicial do desporto era reservada exclusivamente para os homens.

Com a presença do portal ESPNW, na grade de programação da ESPN, outra questão deve ser levantada: o endereçamento deste novo seguimento. Elizabeth Ellsworth (2001) explica que os modos de endereçamento são específicos nas mídias em geral e dizem muito a respeito daquilo que é esperado. Existe expectativa e desejo por parte de quem cria o seu produto. Esta mesma autora nos possibilita pensar que a relação da mídia com seu/sua espectador/a vai além de uma simples questão de definir o público-alvo, a autora parte do pressuposto do envolvimento do/a espectador/a. É um evento que transcende a relação produto e receptor, leva em consideração o lugar social, as experiências e o lugar de vida do/a espectador/a. A história e o/a espectador/a ou público devem estabelecer uma relação, uma interação para que funcione.

O portal ESPNW Brasil, apresenta significados para seus/suas espectadores/as e, os seus modos de endereçamento, referentes às mulheres (machismo, gravidez e participação olímpica), podem ser exemplificados nos três próximos recortes do portal ESPNW Brasil (figuras 1, 2 e 3).

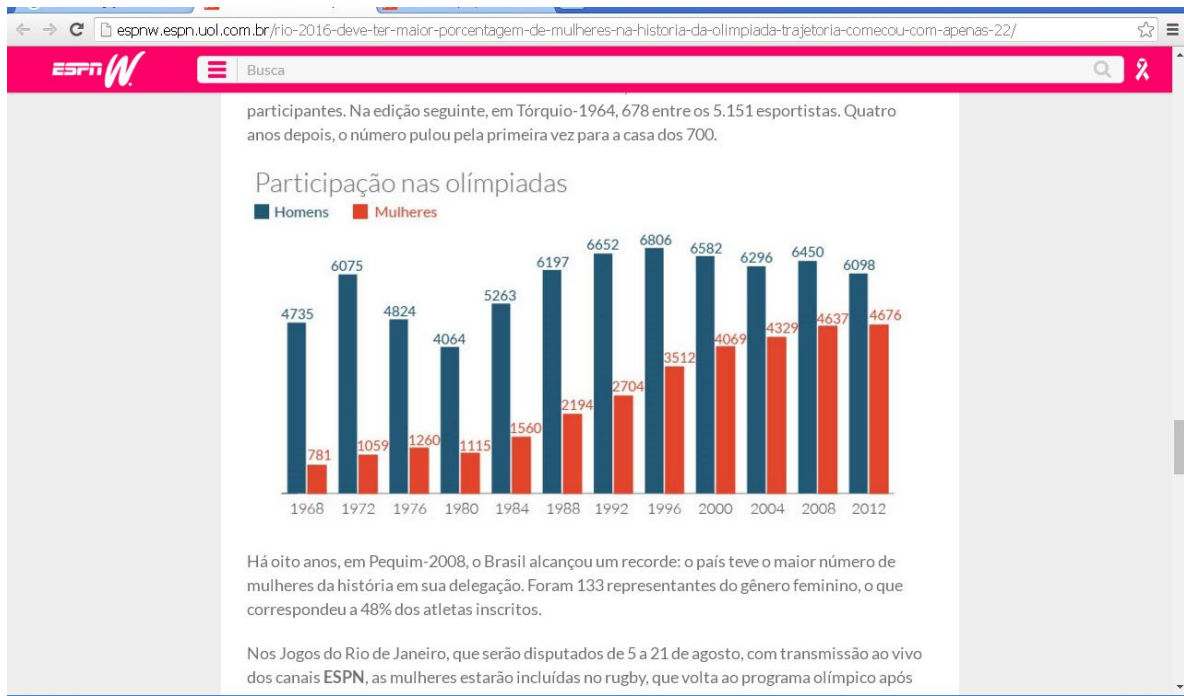
4 Para mais: FOUCAULT, M. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Figura 1 – Machismo no esporte



Fonte: www.espnw.espn.uol.com.br/patricia-freitas-vela-entrevista/. Acessado em 20 de maio de 2016.

Figura 2 – Histórico da participação nos jogos olímpicos



Fonte: www.espn.uol.com.br/rio-2016-deve-ter-maior-porcentagem-de-mulheres-na-historia-da-olimpiada-trajetoria-comecou-com-apenas-22/. Acessado em 20 de maio de 2016.

Figura 3 – Contratos “antigravidez”



Fonte: www.espn.uol.com.br/liga-de-basquete-da-espanha-pode-demitir-jogadoras-que-ficarem-gravidas/. Acessado em 20 de maio de 2016.

Um dos endereçamentos da ESPNW Brasil é a luta contra o machismo. Na figura 1, Patrícia Freitas, que é velejadora e já participou de diversas competições internacionais da vela, fala, em entrevista ao portal, sobre as dificuldades encontradas no esporte que pratica. A atleta lembra que, ao longo da sua trajetória, a vela sempre teve um maior número de atletas homens, levando em conta que é considerado um esporte radical e perigoso, que exige muita exposição ao tempo e tem certa brutalidade. Todo esse contexto apresentado pela atleta e a diferenciação de capacidade física apontada para a vela, elencando-a como um esporte masculino ou masculinizado, trazem um endereçamento ao público, que se sente representado pela busca de equidade entre os gêneros no esporte⁵.

Outra possibilidade de endereçamento são as lutas feministas por reconhecimento de espaço. Na figura 2, a ESPNW Brasil apresenta uma evolução da participação das atletas mulheres nos jogos olímpicos. Fazendo uma relação direta com os movimentos feministas, lembrando que, em 1896, nos primeiros Jogos Olímpicos da época moderna, a participação das mulheres foi zero. A reportagem lembra que, somente em 1996, nos Jogos Olímpicos de Atlanta, depois de uma lenta e gradual luta por reconhecimento, elas somaram 34% do total de atletas, atingindo uma marca histórica de um terço dos participantes. A reportagem destaca, também que, após esta “emancipação” das mulheres nos jogos olímpicos,

⁵ www.espnw.espn.uol.com.br/patricia-freitas-vela-entrevista/. Acessado em 20 de maio de 2016.

os espaços foram ocupados, chegando ao ponto de, em 2012, nos Jogos Olímpicos de Londres, todos os países envolvidos terem, ao menos, uma representante feminina na sua delegação. Os movimentos feministas, que abarcam a importância da participação das mulheres em espaços antes não ocupados, demarcam um endereçamento daquelas que lutam pelo reconhecimento do gênero, nos Jogos Olímpicos⁶.

Na figura 3, a questão dos direitos trabalhistas para atletas homens e mulheres revela uma diferenciação significativa. A associação das jogadoras de basquete da Espanha denunciou a cláusula trabalhista que algumas atletas daquele país sofreram dos seus clubes. A cláusula em questão seria “antigravidez”, visto que as atletas que ficassem grávidas, durante o período de contrato, seriam demitidas sem indenização. A reportagem expõe que o número de atletas submetidas a estes contratos é incerto, mas as mulheres que realizaram a denúncia mencionaram que são muitas. Nesta mesma reportagem é indicada uma tentativa de ruptura, na qual, secretários do estado espanhol, senado e deputados cobram modificações legislativas para evitar contratos com cláusulas deste tipo. Eles ainda lembram que estas cláusulas são um dos pontos de interesse de quem luta contra a discriminação das mulheres no esporte espanhol. As mulheres têm menos direitos garantidos no país, como, por exemplo, convênios coletivos que atenderiam as esportistas incapacitadas para competir, assim como acontece com os esportistas homens⁷.

Os três exemplos destacados e contextualizados nos possibilitam perceber como o portal ESPNW Brasil estabelece alguns de seus endereçamentos ao tratar em seu conteúdo de assuntos relacionados às mulheres no esporte.

2.2 Divulgação do Portal ESPNW no Brasil: vídeo *Invisible Players*

Neste subtítulo, buscamos fazer uma interlocução entre um artefato cultural, o vídeo *Invisible Players*, e sua divulgação. Através deste vídeo, que foi lançado para promover o portal ESPNW Brasil, trabalhamos com a ideia de análise e discussão das imagens e das falas que se relacionam com a proposta de compreender o endereçamento do portal em relação ao esporte e ao gênero. E, assim, recortamos aquelas que formam um encaixe potente, a ponto de serem destacados e expostos nesta pesquisa.

6 www.espn.uol.com.br/rio-2016-deve-ter-maior-porcentagem-de-mulheres-na-historia-da-olimpiada-trajetoria-comecou-com- apenas-22/. Acessado em 20 de maio de 2016.

7 www.espn.uol.com.br/liga-de-basquete-da-espanha-pode-demitir-jogadoras-que-ficarem-gravidas/. Acessado em 20 de maio de 2016.

Assistimos, destacamos e escrevemos sobre o que havia de comum entre as falas, as reações das pessoas e tudo aquilo que se encaixou com a temática da pesquisa. Ainda, ressaltamos o entendimento que o vídeo tem a intenção de mostrar a pouca visibilidade das mulheres no esporte e, o artefato cultural em questão tem um aporte midiático e apelo comercial, ou seja, não encaramos o vídeo como algo neutro, existe um direcionamento nele e as escolhas dos esportes, das silhuetas sem traços de gênero (como cabelos compridos) e a edição das imagens sugerem isso. O que buscamos aqui é analisar como o vídeo nos possibilita problematizar em relação às questões de gênero.

O vídeo foi veiculado às propagandas do canal de televisão por assinatura ESPN, durante alguns dias, em março de 2016⁸, e em horários diversos, inclusive entre os intervalos de esportes de grande audiência, como o basquete. O artefato cultural trabalhado nesta pesquisa teve boa repercussão, visto que mais de um milhão de pessoas assistiram até a realização deste artigo⁹. O mesmo tem dois minutos de duração no seu formato original e pode também ser encontrado no *You Tube*¹⁰.

O vídeo sugere que, 300 pessoas de ambos os gêneros, que têm algum tipo de envolvimento com esporte, são convidadas a identificar imagens referentes a lances de futebol, basquete e surf. As cenas são estilizadas e mostram somente a silhueta de atletas, que na verdade são três mulheres praticando seus respectivos esportes. As imagens passam e as pessoas devem responder a quem pertencem aquelas silhuetas. Neste momento nenhuma resposta conteve o nome de uma atleta mulher e, ao final das três imagens, mulheres não foram mencionadas.

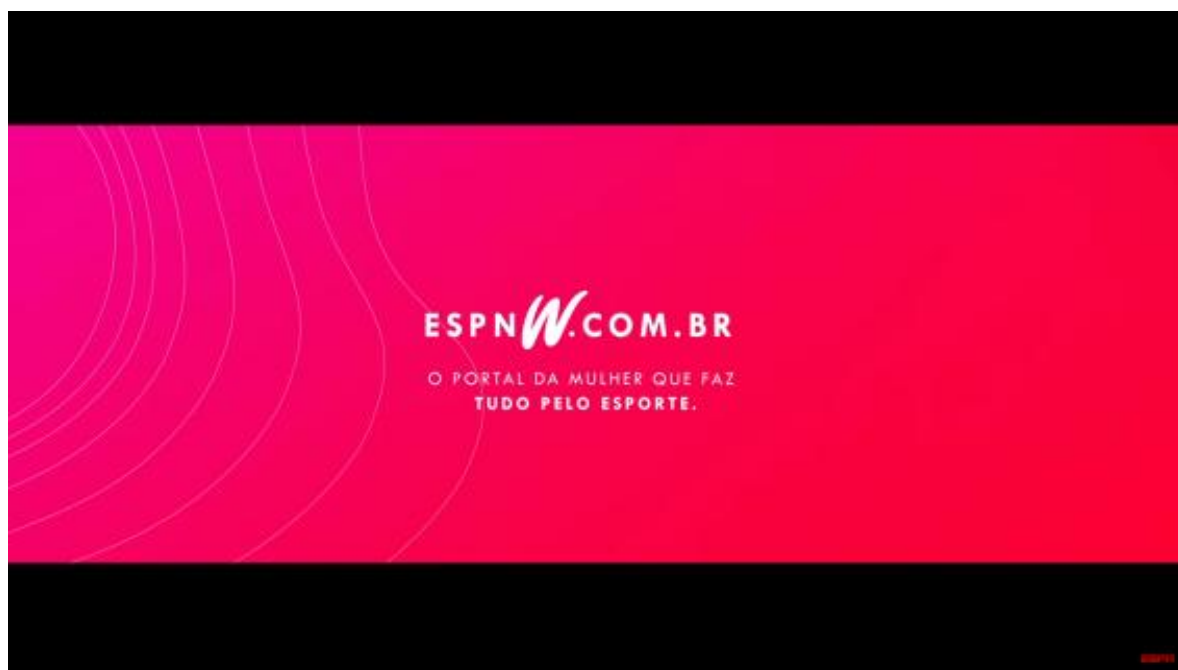
A imagem presente no *slogan* final do vídeo é uma das caracterizações importantes deste novo espaço de discussão (Figura 4). Ele evidencia o direcionamento do portal e do vídeo.

8 Março, relacionado ao mês da mulher e 2016, ano de lançamento do portal e do vídeo.

9 1.306.623 visualizações até dia 09 de maio de 2019.

10 <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Figura 4 – Slogan do portal ESPNW Brasil



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Com um endereçamento bem definido, a promoção do debate do tema *Esporte e Mulheres*, o vídeo de divulgação do portal ESPNW Brasil, é exibido, pela primeira vez, no dia internacional da mulher, mais precisamente em 08 de março de 2016. Para além das noções estruturais do vídeo, a escolha do dia faz uma relação direta entre o artefato cultural e os seus/suas espectadores/as.

Como mencionado anteriormente, depois de analisar as três imagens que passam em um telão, nenhuma das trezentas pessoas que assistiram às silhuetas mencionou alguma mulher como protagonista nas imagens (Figuras 5, 6 e 7). O vídeo destaca que todas as pessoas que participaram são ligadas aos esportes, que são esportes bem distintos e que duas das três imagens são de mulheres brasileiras nos seus respectivos esportes. Ao levantar todos estes fatores, o vídeo propaga a suspeita da necessidade de discussão, visto que nenhuma destas atletas foi mencionada nas respostas.

Figura 5 – Silhueta de um arremesso no basquete



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Figura 6 – Silhueta da execução de uma manobra no surf



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Figura 7 – Silhueta chutando uma bola de futebol



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Conforme é possível verificar, na figura 7 vê-se a atleta Marta Vieira da Silva, eleita por seis vezes a melhor jogadora de futebol do mundo. Outra suspeita levantada pelo vídeo é de que, mesmo as atletas com certo prestígio internacional, que conquistaram prêmios importantes para o esporte brasileiro, não possuem o reconhecimento devido no país. Este não é o caso das modalidades esportivas selecionadas no vídeo, mas o que poderia ter causado certa confusão entre os/as entrevistados/as seria a escolha por modalidades essencialmente consideradas como masculinas. Ainda em 2017, encontramos modalidades classificadas de, exclusivamente, determinado gênero – masculino ou feminino – numa clara demonstração de diferenciação entre eles. Vejamos, como exemplo, os jogos olímpicos realizados no Brasil, no Rio de Janeiro, em 2016, a canoagem, esporte considerado complexo e com muita exigência física, foi disputado exclusivamente pelos homens, enquanto a ginástica rítmica, esporte tido como delicado, só pelas mulheres. Ou então, pensemos nas regras diferentes dentro de uma mesma modalidade como, por exemplo, na ginástica artística, em que as mulheres fazem determinados aparelhos e homens outros. Há uma ultrapassada e equivocada separação entre os gêneros.

Ainda sobre os jogos olímpicos do Rio de Janeiro (2016), ao defrontar as respostas da pesquisa com a participação das mulheres nos jogos, temos dados referentes à visibilidade de homens e mulheres. No Rio 2016, as mulheres chegaram com a maior delegação da história, elas eram 45% do total de participantes do evento e, ainda, a maior potência olímpica,

os Estados Unidos, apresentou uma delegação feminina superior à masculina. Assim, trazemos dados passíveis de reflexão: o primeiro é que rompemos com algumas barreiras e conseguimos estabelecer um crescimento na participação das mulheres através das discussões de igualdade de gênero no mundo esportivo, pois foram criadas categorias e abertos novos espaços para as mulheres; o segundo ponto é que, mesmo com estas vitórias e o seu ganho de terreno nos jogos olímpicos, a visibilidade e o reconhecimento entre espaços de televisão, patrocinadores e premiações continua muito aquém.

Voltando-nos ao passado, os esportes foram inventados para os homens demonstrarem suas virtudes, sempre relacionadas à sua masculinidade ou virilidade. Com o passar dos anos, ainda encontramos resquícios desta época no mundo esportivo, voltado para essas performances masculinas, mas o espaço feminino vem crescendo, a ponto de marcarem sua presença de maneira mais significativa. (PFISTER, 2003).

O endereçamento do vídeo é alavancado no momento em que nenhuma mulher é mencionada na pesquisa (Figura 8). Ao não encontrar nomes destas atletas nas perguntas feitas aos entrevistados e às entrevistadas, o objetivo de mostrar a pouca visibilidade das mulheres no meio esportivo é explicitado.

Figura 8 – Quadro com as respostas dos entrevistados

GOL	MENÇÕES	CESTA	MENÇÕES	ONDA	MENÇÕES
NEYMAR	138	M. JORDAN	164	MEDINA	201
MESSI	102	OSCAR	096	MINEIRINHO	052
C. RONALDO	025	L. JAMES	021	K. SLATER	032
PELÉ	016	K. BRYANT	010	M. FANNING	007
MARADONA	008	S. CURRY	006	F. TOLEDO	004
RONALDO	006	J. HARDEN	002	A. IRONS	003
ROMÁRIO	005	S. O'NEAL	002	J. SMITH	001

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Pautamo-nos em Crenshaw (2002), quando a autora destaca que os problemas de gênero devem ser colocados em pauta e destacados nos mais variados espaços de discussão.

Por vezes, ele pode não estar aparente, mas, numa busca mais apurada, percebemos a sua existência, como no caso deste vídeo, o sexismo.

Outro aspecto relevante é que as próprias mulheres não se viam nas silhuetas, ou seja, constatamos uma construção social de um esporte estilizado masculinamente. Atentamos para o fato de que nenhum dos gêneros reconhece as mulheres esportistas. É lógico pensar que uma silhueta praticando esporte seja um homem, afinal, os grandes nomes, os ícones ou grandes atletas foram historicamente construídos e constituídos como sendo homens.

O espaço esportivo é um terreno de visibilidades, principalmente no alto rendimento, e nele são associadas figuras heroicas. Historicamente, os atletas homens têm maiores ascensões midiáticas em relação às mulheres, por diversos fatores relacionados às cifras que os mesmos geram, desde patrocinadores até venda de ingressos. O que impulsiona uma cadeia de interesses, quanto mais dinheiro investido, mais visibilidade e maior espaço nas mídias. Assim, identificamos a necessidade de uma ressignificação, de interpelar aquilo que nos parece natural. Estranhar, desfamiliarizar ou desnaturalizar a tendência de lembrarmos sempre de um homem ao nos remeter a algum esporte. Buscar maior incentivo ou investimento para o esporte feminino é ressignificar algo que já está dado. (WORTMANN, 2008).

As imagens apresentadas nas figuras 9 e 10 são expostas quando no vídeo é feita a pergunta: “o quanto você sabe sobre esporte?” e, no término do mesmo, quando afirmando que: “você pode até saber sobre esporte, mas se não acertou as respostas, precisa aprender mais sobre o poder da mulher”. Este fragmento do vídeo apresenta um direcionamento para uma discussão presente nos dias atuais: o empoderamento¹¹ feminino e o reconhecimento das mulheres em diferentes áreas. Com as figuras 7 e 8 observamos uma intenção de mexer com as mulheres, no sentido de impulsioná-las a lutar por seu espaço no meio esportivo e, além disto, entendemos tal artefato como uma das estratégias emergentes de debate nas produções culturais.

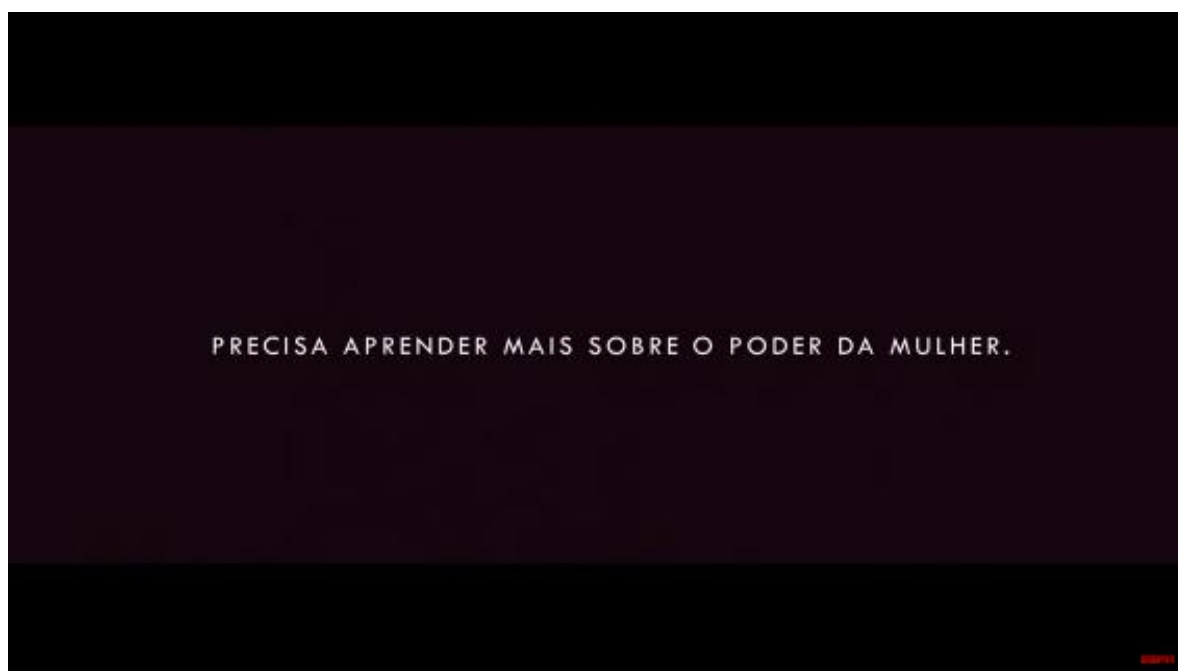
11 Expressão difundida e defendida pelos movimentos feministas contemporâneos que tem por finalidade as causas essencialmente das mulheres, indo além dos debates mais corriqueiros como machismo, o movimento procura empoderar as mulheres dos seus direitos.

Figura 9 – Mensagem final do vídeo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Figura 10 – Mensagem final do vídeo



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Assim como o quadro estatístico das respostas, também podemos analisar as reações faciais e as falas dos/as entrevistados/as. Em certo momento do vídeo as mulheres entrevistadas comentam: “eu acho que existe um bloqueio ainda” ou “quando você pensa em atleta, pensa em homem” ou “fiquei chateada comigo, não falei nome de mulher”

(Figura 11). Nestes pequenos trechos percebemos que ao não mencionarem nomes femininos de atletas, as próprias mulheres afastam a possibilidade de fazermos uma leitura unicamente sexista e machista. Espera-se este tipo de respostas dos homens, levando em consideração a sociedade machista em que vivemos.

Figuras 11– Expressão facial da entrevistada ao identificar as silhuetas.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

Quando as próprias mulheres não se reconhecem capazes de fazer aquelas manobras, gols ou cestas, percebemos que as desconsiderações são efeitos de uma construção histórica de identidade, em que a figura esportiva é sinônimo do gênero masculino. Criamos uma identidade que coloca o esporte como espaço masculino, perpetuando a estabilidade do sexo e do gênero. Assim, participamos da construção da identidade do corpo, como aponta Butler (2003). A mesma autora destaca que praticamos a construção da identidade imposta normativamente e regulamentada, a partir de verdades sobre sexo e gênero.

Em outro momento, as reações dos/as entrevistados/as, quando percebem que não acertaram as silhuetas e que não falaram nomes de mulheres, trazem uma noção da pouca visibilidade feminina no esporte. As entrevistadas têm reações típicas de surpresa: “uau”, “shii” e “caraca” são algumas delas.

Historicamente falando, podemos caracterizar este espanto por uma tendência naturalizada das silhuetas dos corpos atléticos remeterem aos homens. Butler (2003)

destaca que a estilização do corpo é a forma de fabricar uma ilusão de permanência sexuada, sujeita a heteronormatividade da sociedade, ou seja, uma representatividade de identidade do gênero. Pensar em mulheres com silhuetas ou corpos atléticos seria subverter uma lógica de identidade construída. Nesta perspectiva normatizada de corpo, vivemos numa sociedade em que atividades físicas cumprem objetivos distintos para homens e mulheres. Neste sentido, vislumbra-se que homens procurem adquirir massa muscular e ter corpos mais atléticos e mulheres objetivem perder peso e ficar mais belas.

Dentre as escolhas de edição do vídeo, um homem faz uma fala emblemática. Ele comenta: “nem imaginei que poderia ser uma mulher” (Figura 12). A fala do entrevistado gera a suspeita de obriedade, que uma silhueta praticando esporte seja de um homem, desconsiderando que ambos os gêneros são capazes de praticar o esporte em quaisquer circunstâncias. No quesito visibilidade, o momento atual remete ao século XVII ou XIX, quando os esportes eram realizados pelos e para os homens. (ELIAS; DUNNING, 1992).

Figura 12– Expressão facial do entrevistado ao identificar as silhuetas.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=XoZrZ7qPqio>. Acessado em 09 de maio de 2019.

É inegável que o esporte possui um potencial de mobilização social e tem certo destaque na nossa sociedade. Ao analisá-lo, identificamos uma capacidade de reunir diferentes etnias, gêneros, idades, identidades sexuais, classes sociais ou religiões. É um terreno de virtuosa visibilidade, acarretado de significados. (LOURO, 1996). Neste sentido, encontramos, no meio esportivo, um discurso legitimado socialmente e, com esta pesquisa,

buscamos contextualizar as condições que produziram e que aceitam, ainda hoje, este discurso hegemonicamente masculino verdadeiro.

3. CONCLUSÃO

Nos últimos anos, evidenciamos certas rupturas em relação ao espaço que a mulher conquistou no ambiente esportivo, o próprio portal ESPNW Brasil é uma prova disto. Ainda, percebemos que os modos de endereçamentos do portal e do vídeo potencializam as discussões de equidade dos gêneros.

Entendemos que o portal ESPNW Brasil emerge de algumas questões de gênero presentes, historicamente, nos esportes e na falta de espaço de discussão para estas temáticas. Tanto no portal e quanto no vídeo *Invisible Players*, podemos perceber uma série de estratégias, que demonstram a falta de reconhecimento e visibilidade das mulheres no esporte e estabelece um modo de endereçamento para pessoas ligadas a este assunto.

Entendemos que os artefatos culturais podem ir ao encontro da desconstrução deste cenário de menor visibilidade e reconhecimento das mulheres esportistas, com intuito de descontinuar este discurso sexista. Dessa maneira, tanto o portal quanto o vídeo são importantes ferramentas ideológicas para desarticular algo que é dado como certo. Acreditamos que estes artefatos culturais podem provocar um novo entendimento sobre o sexismo e a equidade de gênero no esporte. Articulando-nos com elementos diferentes, podemos apresentar outros modos de pertencer.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. **Movimento**, 2006, 12.1.
- BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, 2002, 10.1.
- ELIAS, N; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Difel, Lisboa. 1992.
- ELLSWORTH, E. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. da (Org.). **Nunca fomos humanos**. BH: Autêntica, 2001.
- ESPNW. **Página inicial do portal**. Disponível em: <https://www.espn.com.br/espnw/> Acesso em: 05 mai. 2019.
- FISCHER, R. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, p. 586-599, n. 2/2001.

GOELLNER, S. **Bela, Maternal e Feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.

_____. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. In: SIMÕES, A; KNIJNIK, J. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte**: Comportamento, gênero, desempenho. São Paulo: Aleph, 2004.

GOMES, I. Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modos de endereçamento no telejornalismo show. **Revista FAMECOS**: mídia, cultura e tecnologia, Porto Alegre, no. 25, p. 85-98, dezembro de 2004.

KELLNER, D. **A cultura da Mídia**: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOURO, G. Nas redes do conceito de gênero. In: LOPES, M (org.). **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, pp. 7-18.

PFISTER, G. Líderes femininas em organizações esportivas – Tendências mundiais. **Movimento**, 2003, 9.2.

WORTMANN, M. A visão dos estudos culturais da ciência. **Com Ciência**. no. 100 Campinas 2008.